

A LITERATURA CRISTÃ-CATÓLICA EUROPEIA
E SUA CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA: AS POTENCIALIDADES
DE UM ARQUIVO PARA PESQUISAS
SOBRE A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES

*The European Christian-Catholic Literature
and Its Circulation in America: The Potentiality of an Archive
for Research about the History of Religions and Religiosities*

Eliane Cristina DECKMANN FLECK*
Mauro DILLMANN**

Fecha de recepción: febrero del 2015

Fecha de aceptación y versión final: agosto del 2015

RESUMO: Este texto tem como um de seus objetivos evidenciar a importância da análise de obras que podemos denominar de literatura cristã-católica – com destaque para os manuais de devoção e de orientação moral publicados na Europa e com circulação na América portuguesa dos séculos XVIII e XIX – para a pesquisa histórica situada no campo da História das religiões e das religiosidades. Interessa-nos, ainda, destacar as potencialidades do acervo de obras raras do *Memorial Jesuíta Unisinos*, que, apesar de sua denominação, conta com obras escritas entre os séculos XV e XX por membros de outras ordens religiosas, constituindo-se, portanto, em espaço privilegiado de pesquisa sobre temas de história religiosa do período colonial ao século XX. Para demonstrá-las, apresentamos levantamento dos manuais de devoção que compõem o acervo e apontamos para a possibilidade de serem analisados a partir de seu contexto de produção e de pressupostos teórico-metodológicos das práticas de escrita e de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo do Memorial Jesuíta, História das religiões e das religiosidades, Manuais de devoção, Práticas de escrita e leitura.

* Eliane Cristina DECKMANN FLECK – Doutora em História pela PUCRS (Porto Alegre, RS). Professora Titular da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS (São Leopoldo, RS), pesquisadora do CNPq (PQ 2) e integrante dos Grupos de Pesquisa-CNPq “*Jesuítas nas Américas*” e “*Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo ibero-americano*”. E-mail: ecdfleck@terra.com.br.

** Mauro DILLMANN – Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo-RS, Professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação e do Programa de Pós-graduação em História (Mestrado Profissional) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande do Sul. E-mail: maurodillmann@hotmail.com.

ABSTRACT: This text has as one of its goals to evidence the importance of the analysis of works that can be denominated Christian-Catholic literature – in particular the manuals of devotion and of moral orientation published in Europe and with circulation in Portuguese America in the 18th and 19th centuries – for historical research in the field of History of religions and religiosities. It is interesting, also, to highlight the potentialities of the collection of rare works of the *Memorial Jesuíta Unisinos*, which, despite its denomination, counts with works from between the 15th and 20th centuries by members of other religious orders, constituting, therefore, a privileged space for research about themes of religious history from the colonial period to the 20th century. To demonstrate, an evaluation of the manuals of devotion that compose the collection is presented, and the possibility of analysis from their context of production and theoretic and methodological tenets of the practices of writing and reading are highlighted.

KEYWORDS: Archive of the Memorial Jesuíta, History of religions and religiosities, Manuals of devotion, Practices of writing and reading.

INTRODUÇÃO

A Europa do século XVIII, segundo Roger Chartier¹, conheceu, de modo geral, uma “revolução da leitura”, com o crescimento da produção do livro, o sucesso dos pequenos formatos e a diminuição do preço graças à multiplicação das práticas de leitura e à “ânsia de leitura” que então se fazia sentir, mesmo que o domínio da cultura escrita fosse bastante limitado. O assim denominado século das Luzes vivenciou grande expansão dos escritos de religião, filosofia, política, ciências naturais, história e medicina, que passaram a ocupar espaço privilegiado nas livrarias e bibliotecas europeias². Tal ampliação da escrita e, fundamentalmente da imprensa, acabou por difundir, em Portugal, um expressivo aumento na publicação de textos escritos por filósofos, médicos, professores e religiosos que passaram a ser divulgados por editores que se firmavam cada vez mais em Lisboa³.

¹ R. Chartier, “Do códice ao monitor: a trajetória do escrito”, *Estudos Avançados*, No. 8 (21), 1994, p. 189.

² R. Chartier, *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna, séculos XVI-XVIII*, Casa da Palavra, Rio de Janeiro 2002, p. 98.

³ A.C. Araújo, *A morte em Lisboa: atitudes e representações, 1700-1830*, Editorial Notícias, Lisboa 1997, p. 93.

Foi neste contexto de incremento das atividades editoriais que se deu tanto a escrita, quanto a tradução e a reedição de uma gama de livros religiosos destinados à instrução moral e teológica do clero e dos fieis leigos, quer fossem eles homens ou mulheres. Tratava-se de livros pequenos, que se apresentavam como manuais, livrinhos, tratados, exercícios, meditações, súplicas, orações, enfim, obras que, em sua maioria, tinham a finalidade de orientar moral, religiosa e civilmente a sociedade. Tais obras não ficaram restritas aos limites geográficos dos estados europeus onde eram escritas e publicadas, mas ganhavam ampla circulação, atingindo, inclusive, a América, como comprovam os inventários dos acervos de bibliotecas privadas e de instituições religiosas regulares ou seculares.

Neste artigo, procuramos, justamente, evidenciar a circulação de livros piedosos entre Portugal e o Brasil ao longo dos séculos XVIII e XIX, a partir do levantamento de obras de orientação moral e devocional dos fieis católicos realizado no Memorial Jesuíta, acervo mantido pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com sede no Rio Grande do Sul, Brasil. Este levantamento aponta para as potencialidades deste arquivo para pesquisas que enfoquem as religiões e as religiosidades em variadas temporalidades e sob diversas abordagens teórico-metodológicas.

LITERATURA RELIGIOSA ENTRE A EUROPA E A AMÉRICA

A publicação de livros religiosos de caráter moral e doutrinário na época moderna, sobretudo no período pós-tridentino, deve ser compreendida como um esforço da Igreja Católica em divulgar modos de devotar e expressar a fé, tidos como ideais, e em instruir a respeito de práticas de confissão e de penitência.

Dentre essas obras se encontram os manuais de bem morrer, os manuais marianos e a “produção ascética e penitencial da Contrarreforma”, que apresentam distinções pouco precisas entre si⁴. Apesar dessa imprecisão, optamos por classificá-los como “manuais de devoção”, ou seja, manuais dedi-

⁴ A.C. Araújo, op. cit., p. 148.

cados à instrução de devoção (à Virgem, a Jesus, à Igreja, aos santos), à orientação quanto aos modos de bem viver (virtudes cristãs), de pensamento e preparação para a morte, e os que foram escritos para instruir o fiel sobre o estado da alma na sua imortalidade (Paraíso, Purgatório e Inferno).

Esses manuais acompanhavam os padres em suas missas e sermões, os confessores em seus confessionários, os clérigos regulares em suas meditações e os leigos em sua vida cotidiana, na medida em que muitas destas obras propunham-se a serem “livrinhos” de ensinamentos diários. Entre estes ensinamentos – todos vinculados ao conhecimento pleno da doutrina cristã – estavam as instruções sobre os modos de devotar a Deus, a Jesus Cristo, aos santos e às inúmeras representações da Virgem Maria, que se traduziam em exemplos de orações, de exercícios de caridade e de comportamento moral dos fiéis em diversas ocasiões do cotidiano. Muitos deles eram utilizados para reflexões religiosas diárias, que podiam ser realizadas antes ou após as orações, antes da confissão ou quando o fiel se sentisse tentado por influências demoníacas.

Eram, geralmente, publicados sob a forma de livreto de mão, formato que favorecia tanto a prática da leitura individual⁵ e o “manuseio e transporte pelo devoto que seguia as orientações que nele constavam”, quanto a aquisição, devido ao menor preço⁶. Favorecia também as leituras coletivas, realizadas durante reuniões familiares ou lições catequéticas, facilitando a apropriação de seus discursos pelos ouvintes. Desse modo, ensinamentos sobre condutas a serem observadas para a salvação das almas, modos de viver santamente e maneiras de bem morrer atingiam com sucesso os fiéis católicos, tanto pela audição, quanto pela leitura ou visualização das imagens/gravuras que os ilustravam.

Esse sucesso pode ser observado no número de edições que esses manuais de devoção dos séculos XVII e XVIII tiveram⁷, sendo que alguns

⁵ J-F. Gilmont, “Reformas protestantes e leitura”, em: G. Cavallo; R. Chartier (org.), *História da leitura no mundo Ocidental*, Ática, São Paulo 1999, p. 59.

⁶ E.C.D. Fleck, M. Dillmann, “«A Vossa graça nos nossos sentimentos»: a devoção à Virgem como garantia da salvação das almas em um manual de devoção do século XVIII”, *Revista Brasileira de História*, vol. 32, no. 63, jan.-jun. 2012, p. 84.

⁷ Dentre estes manuais, se encontra o *Mestre da Vida que ensina a viver e morrer santamente*, do dominicano português João Franco, publicado inicialmente 1731 e com reedições até 1882.

deles chegaram a ser reeditados no século XIX e, até mesmo, no século XX. Muitos deles receberam inúmeras reimpressões ao longo de mais de um século, o que parece indicar sua aceitação entre os leitores católicos e o reconhecimento de sua importância pela Igreja Católica. Cabe lembrar que somente após ganharem licenças do Santo Ofício, que consistiam de pareceres favoráveis e elogiosos que recomendavam sua leitura, estas obras recebiam autorização para serem publicadas e divulgadas.

Tanto as campanhas de conversão, quanto a difusão desta literatura religiosa ao longo do século XVII visavam à observância de condutas morais e religiosas que obedecessem as leis de Deus⁸. Nelas, encontraremos relacionados diferentes modos de viver santamente, todos eles associados a personagens cujas vidas haviam sido marcadas pela humildade, caridade e pobreza. Além de referências à Bíblia, muitos desses manuais contam com menções a doutores da Igreja, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, e, também, a filósofos clássicos greco-romanos, de modo a reforçar e incentivar a piedade nos fiéis leitores/ouvintes⁹.

Sobre esta obra, ver mais em: E.C.D. Fleck; M. Dillmann, “«A Vossa graça nos nossos sentimentos»...”, op. cit. Outras referências sobre este autor e sua obra também podem ser conferidas em: O.M. da Cunha Loureiro, “Uma leitura de sucesso no século XVIII: Mestre da vida que ensina a viver e morrer santamente”, *Revista Poligrafia*, no. 3, 1994; A.C. Araújo, op. cit.; C. Rodrigues, *Nas fronteiras do Além. A secularização da morte no Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX*, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro 2005, p. 63; M.A. Ribeiro; L. Santos, “A Livraria da Fazenda Santa Cruz”, em: M. Amantino; C. Engemann (orgs.), *Santa Cruz: de legado dos jesuítas à perola da Coroa*, Eduerj, Rio de Janeiro 2013. C. Rodrigues; M. Dillmann, “Desejando pôr a minha alma no caminho da salvação”: modelos católicos de testamentos no século XVIII”, *História Unisinos*, no. 17 (1), jan/abr 2013.

⁸ E.C.D. Fleck, “Almas em busca de salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII)”, *Revista Brasileira de História*, vol. 24, no. 48, 2004.

⁹ Para a análise de uma única publicação religiosa ver I. Morujão, “Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes”: o *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel, *Via Spiritus*, no. 5, 1988; M.G. Oliveira, “Almas do Purgatório: meditação, devoção, *convertio cordis*. A propósito de alguns sermões de Pe. Inácio Martins S.J.”, em: *Atas do Colóquio Internacional A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII*, Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2004; O.M.C. Loureiro, “Uma leitura de sucesso...”, op. cit. E para a análise de várias obras religiosas que circularam em Portugal, ver J.F. Marques, “O livro religioso, em particular do âmbito da parenética e hagiologia, nos impressos”, *Revista da Faculdade de Letras, História*, vol. 11, 2010, p. 300, e A.C. Araújo, op. cit. Um levantamento da literatura religiosa presente na clausura feminina do século XVIII português foi realizado em I. Morujão, “Livros e leituras na clausura feminina de setecentos”, *Revista Fac. de Letras, Línguas e literaturas*, no. 19, 2002.

Sabe-se que na França, entre 1650 e 1730, período da “maré alta da Reforma Católica”, a Igreja incentivou a “bagagem livresca” que os “bons” padres deveriam possuir. Além da Bíblia e dos catecismos, eles deveriam ter consigo obras com comentários da Sagrada Escritura, livros de teologia moral e leituras espirituais. Tratava-se, como bem observado por Dominique Julia, do “esforço pedagógico da Contrarreforma”, que pretendia fazer “dos membros do clero paroquial homens de estudo e de livros”¹⁰. Este empenho pode ser observado no livro *Buquê da missão* (1700), escrito pelo escolástico Jean Leuduger, no qual encontramos uma lista de “bons livros”, dentre os quais estavam obras de Barry, Francisco de Sales, Luís de Granada, Alfonso Rodrigues e Lorenzo Scupoli.

Na França, esse tipo de literatura já vinha sendo, desde o século XVII, editada e publicada com regularidade por livreiros que eram, eles próprios, “com frequência intimamente ligados a uma ordem ou a uma congregação, um seminário, uma corrente espiritual”¹¹. Também em Portugal e na Espanha, os manuais eram, desde o século XVI, escritos por jesuítas, dominicanos, franciscanos e oratorianos, religiosos que se percebiam “[como] os representantes do saber, (...) do pensamento teológico-especulativo e da teologia moral, da exegese bíblica e da catequese doutrinária, o que se refletia no conjunto da produção impressa”¹².

Ao longo dos séculos seguintes, os manuais de devoção, que, originariamente, estavam destinados ao clero e aos leigos, foram ganhando, cada vez mais, divulgação e alcance social. Em geral, associavam a liturgia católica à dramatização do destino do homem no além, investidos de um esforço pedagógico de introspecção e de apropriação da teologia moral católica¹³, com a intenção de orientar e conduzir os leitores católicos em suas

¹⁰ D. Julia, “Leituras e Contra-Reforma”, em: Chartier, Roger; Cavallo, Guglielmo, *História da leitura no mundo ocidental*, Ática, São Paulo 1999, p. 92.

¹¹ *Ibidem*, p. 108.

¹² J.F. Marques, *op. cit.*, p. 294. Este historiador analisou os livros religiosos publicados por tipografias portuguesas do século XVI, chamando a atenção para os “tesouros bibliográficos da história cultural portuguesa”.

¹³ A.C. Araújo, *op. cit.*, p. 146.

vidas cotidianas¹⁴. Estratégia que pode ser observada, também, no incentivo à memorização de rezas, ladainhas, cânticos e passagens bíblicas¹⁵.

Para a historiadora portuguesa Ana Cristina Araújo, que estudou inúmeros manuais de preparação para a morte, esta literatura, que “alimenta[va] a reflexão dos homens de Deus”, reforçava, ainda, a necessidade do arrependimento dos pecados, atitude tida como fundamental para uma conduta que observava os “mistérios da religião”¹⁶. Este enquadramento dos religiosos e dos fiéis estava diretamente relacionado com os meios considerados eficazes para despertá-los à vida devota, dentre os quais estava o pensamento na morte, as visitas aos cemitérios e aos túmulos, as considerações sobre a imortalidade da alma¹⁷ e os alertas sobre os possíveis sofrimentos eternos das almas pecadoras.

É certo que alguns desses manuais de devoção publicados em Portugal e na Espanha nos séculos XVII e XVIII, atravessaram o Atlântico, como evidenciam as “aquisições de manuscritos e impressos feitas pelo clero secular e pelas ordens religiosas, que mantinham essas obras em suas bibliotecas”¹⁸. Muitas dessas obras integravam acervos de bibliotecas de ordens religiosas, como o da chamada *Livraria da Fazenda jesuítica de Santa Cruz*, no Rio de Janeiro¹⁹. A aquisição e a circulação de obras religiosas entre religiosos e fiéis católicos instalados na América Portuguesa foram apontadas por Luiz Villalta (1998). De acordo com esse pesquisador, o historiador Alcântara Machado, ao analisar 450 inventários de moradores de São Paulo, no século XVII, verificou que dos 55 livros que foram relacionados em 15 deles a maioria era de “obras devocionais”, como *Horas de rezar em linguagem, Floro Cristiano e Imagem da vida cristã*.

¹⁴ E.C.D. Fleck; M. Dillmann, “«A Vossa graça nos nossos sentimentos»...”, op. cit.

¹⁵ A.C. Araújo, op. cit., p. 145.

¹⁶ *Ibidem*, p. 96.

¹⁷ *Ibidem*, p. 147.

¹⁸ *Ibidem*, conforme pode ser conferido no levantamento realizado por M. A. Ribeiro; L. Santos, op. cit., L. Villalta, *Bibliotecas privadas e práticas de leitura no Brasil Colonial*, 1998, disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/bibliotecas-br.pdf> (consultado em: 12.10.2011).

¹⁹ M.A. Ribeiro; L. Santos, op. cit.

Mas o acesso a esses manuais devocionais também se dava através do comércio de livros entre a Europa e o Brasil. Ao final do século XVII, este comércio se encontrava nas mãos de negociantes particulares, que, muitas vezes, atendiam às encomendas feitas por leigos católicos. Dentre os que se dedicavam a este tipo de atividade, a historiadora Lúcia Neves destaca o caso do português João Roberto Bourgeois, que chegou ao Rio de Janeiro, em 1782, e se tornou um dos maiores editores no início do século seguinte, como comprovam as notícias sobre “obras novas” disponíveis em sua loja que circulavam nos jornais da cidade²⁰.

Os estudos realizados por estes dois pesquisadores revelam que estes manuais ingressaram no Brasil através de editores, comerciantes e de religiosos seculares ou regulares enviados à América no século XVIII e XIX, e que constituíram tanto os acervos de seminários religiosos, quanto bibliotecas privadas. É sobre algumas destas obras, em especial, as que compuseram as bibliotecas de seminários da ordem jesuíta no sul do Brasil, e deram origem ao Acervo do Memorial Jesuíta, que nos debruçaremos na continuidade.

O MEMORIAL JESUÍTA UNISINOS: ORIGENS E COMPOSIÇÃO DE SEU ACERVO

O Memorial Jesuíta Unisinos, criado em 2008, é um arquivo particular, que se encontra sob a guarda da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e reúne livros que integravam as bibliotecas de colégios e seminários da Ordem. O acervo, constituído de “mais de 200 mil itens, entre os quais um expressivo número de obras raras”, contempla, ainda, “coleções de periódicos e documentos relativos à memória e à história de atuação dos jesuítas no sul do Brasil”²¹. Dentre os títulos de literatura religiosa, produzida,

²⁰ L.M.B. Neves, “João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do Oitocentos”, In *X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ, História e Biografias, Anais Eletrônicos do X Encontro Regional de História – História e Biografias*, UERJ, Rio de Janeiro 2002, p. 03.

²¹ I.C. Arendt, “A atuação do historiador junto a acervos universitários: caso do Memorial Jesuíta Unisinos”, *Anais eletrônicos XI Encontro Estadual de História: história, memória, patrimônio*, FURG, Rio Grande/RS/Brasil 2012, p. 472.

editada e publicada na Europa entre o século XV e o XX, encontram-se mais de 2 600 títulos. Estas, contudo, não se restringem a publicações produzidas pela Companhia de Jesus, podendo-se encontrar obras publicadas pela Igreja católica e por outras ordens religiosas atuantes na América.

As coleções, em vários idiomas (latim, francês, espanhol, inglês, alemão, italiano e português), foram reunidas, “a partir da década de 1840, pelos jesuítas em diversas bibliotecas, necessárias a suas atividades educacionais, pastorais e sociais”, portanto, pode-se dizer que o acervo começou a ser formado há cerca de 175 anos. Grande parte do acervo tem, infelizmente, procedência indeterminada, devido à ausência de assinaturas, carimbos ou catalogação prévia, contudo, supõe-se que algumas tenham sido trazidas por jesuítas alemães que se instalaram no sul do Brasil nas primeiras décadas do século XIX²².

Interessante destacar, aqui, que a Companhia de Jesus foi expulsa da América portuguesa em 1759 e oito anos depois dos domínios espanhóis, em um contexto marcado pelos efeitos da política ilustrada adotada pelos monarcas em Portugal e na Espanha. Seus membros foram acusados de atuarem com demasiada autonomia, de serem promotores da desordem social, inspiradores de revoltas e, ainda, de serem contrários ao desenvolvimento econômico dos reinos, razão pela qual a Companhia foi supressa em 1773²³. Apesar de a Ordem ter sido restaurada em 1814, por iniciativa do Papa Pio VII, seus membros retornaram ao Brasil somente entre 1842 e 1845, já durante o Segundo Reinado, ingressando pelo Rio de Janeiro e dirigindo-se ao sul para atuar em missões populares. A atuação da Companhia de Jesus se dará em uma conjuntura em que a Igreja, reagindo à laicização e à secularização, buscará retomar a mística eclesiástica e a ortodoxia doutrinária, litúrgica e disciplinar propostas pelo Concílio de Trento, num movimento que receberá, posteriormente, a denominação de Restauração Católica²⁴. A fixa-

²² Dentre os jesuítas de origem alemã que chegaram ao Rio Grande do Sul (Brasil), em 1849, estão o padre Agostinho Lipinski, o irmão João Sedlach e o irmão Antonio Sonntag.

²³ E.C.D. Fleck; L.F.M. Rodrigues; M.C.B. Martins, *Enlaçar mundos. Três jesuítas e suas trajetórias no Novo Mundo*, Oikos, Unisinos, São Leopoldo 2014.

²⁴ A.B. Rambo, “Restauração católica no sul do Brasil”, *História: Questões & Debates*, 2002.

ção dos jesuítas no sul do Brasil se deu, efetivamente, em 1845, mediante solicitação da Província para que atendessem espiritualmente os imigrantes alemães católicos instalados nas proximidades da cidade de São Leopoldo²⁵.

É acertado afirmar que o acervo do Memorial Jesuíta teve início com os livros e manuais de devoção trazidos nas bagagens destes religiosos enviados ao Rio Grande do Sul, número que, seguramente, foi ampliado, nos anos seguintes, através de aquisições feitas para as bibliotecas das escolas e seminários que fundaram entre os séculos XIX e XX. O Memorial, criado em 2008, é constituído das bibliotecas do Colégio Cristo Rei, de São Leopoldo, do Colégio Anchieta, de Porto Alegre, do Colégio Santo Inácio, de Salvador do Sul, do Colégio Gonzaga, de Pelotas, do Colégio Stella Maris, de Rio Grande²⁶.

A maioria dos manuais de devoção que localizamos neste acervo [ver levantamento abaixo] foi escrita por autores europeus dos séculos XVI [1630, 1632, 1649] e XVIII [1747, 1761, 1792 e 1794], tendo sido reimpressa e reeditada entre os séculos XVII e XX. Parece-nos que as repetidas edições destas obras evidenciam a importância que elas adquiriram tanto na formação do clero regular e secular, quanto na orientação das condutas dos fieis católicos, que deveriam “viver e morrer santamente”.

LEVANTAMENTO DE MANUAIS DE DEVOÇÃO – MEMORIAL JESUÍTA UNISINOS

Obra	Edições
BONETA, Joseph. <i>Gritos das almas no Purgatório</i> .	1869
BERNARDES, Manuel. <i>Direção para ter os nove dias de exercícios espirituais</i> .	1725, 1757
BERNARDES, Manuel. <i>Luz e calor: obra espiritual para os que tratam do exercício de virtudes e caminho da perfeição</i> .	1758, 1871

²⁵ L.F.M. Rodrigues, “O retorno da Companhia, a partir das missões populares dos jesuítas espanhóis, no extremo sul do Brasil (1842-1867)”, *Revista História e Cultura*, 2014, p. 317.

²⁶ I.C. Arendt, op. cit.

MONTEIRO, Diogo. <i>Arte de orar.</i>	1630
MENDONÇA, Francisco de. <i>Primeira parte dos Sermões do P. Francisco de Mendonça da Companhia de Jesus.</i>	1632-1649
MARSOLLIER, Jacques. <i>Vida de S. Francisco de Sales. Bispo e Príncipe de Genebra, Instituidor da Ordem da Visitação de Santa Maria.</i>	1792
LAVIOSA, Bernardo. <i>Vita di Santa Maria Francesca delle cinque Piaghe di Gesu Cristo.</i>	de 1866
SALES, S. Francisco. <i>Introdução à vida devota.</i>	1986
SCUPOLI, Lourenço. <i>Combate Espiritual.</i>	1864
BEQUEMAN, Thomas. <i>Combate Espiritual</i>	1864
NIEREMBERG, Juan. <i>Diferença entre o temporal e o eterno.</i>	1945
ALONSO, Rodrigues. <i>Exercício de perfeição e virtudes cristãs.</i>	1886, 1954
SEGNERI, Paolo. <i>Mana del Alma.</i>	1853, 1867
VILLACASTIN, Tomás. <i>Manual de Exercícios Espirituais para ter oração mental em todo o discurso do ano.</i>	1926
SARMENTO, Francisco. <i>Flos sanctorum ou santuário doutrinal</i>	1859
CRASSET, Jean. <i>Retiro espiritual (...) para aqueles que desejam segurar uma boa morte.</i>	1851
GRANADA, Luis de. <i>Guia de pecadores e exortação à virtude.</i>	1794, 1873
SEGNERI, Paolo. <i>Devoto da Virgem maria (El devoto de la Virgen)</i>	18??
CALATAYUD, Pedro de. <i>Doutrinas practicas que costuma explicar nas suas missões o padre Pedro de Calatayud.</i>	1747 (4v.)
<i>VOZ de Jesus Cristo pela boca dos párocos...</i>	17??
CATRO [FRANCO], João. <i>Mestre da vida que ensina a viver e morrer santamente.</i>	1882
BAUDRAND, Barthélemy (1701-1787). <i>Pensai-o bem, ou, cuidados da alma</i>	1869, 1888,
MARTÍNEZ DE LA PARRA, Juan. <i>Luz de verdades cathólicas</i>	1761
SACRAMENTO, Antonio do. <i>Ventura do homem predestinado</i>	1938
SALAZAR, Francisco de. <i>Affectos e considerações devotas</i>	1750

Fonte: elaboração dos autores a partir da consulta ao Catálogo do referido arquivo.

POTENCIALIDADES DO ACERVO: TEMAS DE HISTÓRIA RELIGIOSA

Manuais de devoção, como os que se encontram no acervo do Memorial Jesuíta, tornam-se interessantes fontes para pesquisadores interessados em compreender as motivações para a construção de certos discursos religiosos em um dado contexto histórico e em apreender a dinâmica que caracteriza o processo de difusão, apropriação e recepção desta literatura tanto nos domínios coloniais ultramarinos, quanto nos estados latino-americanos do século XIX. Nossa intenção, ao compartilharmos este levantamento, é, justamente, a de destacar a riqueza deste acervo e apontar para potenciais temas a serem explorados pelos pesquisadores da história das religiões e das religiosidades²⁷.

Obras como *Combate Espiritual*, do italiano Lorenzo Scupoli (1530-1610), *Introdução à vida devota*, do francês São Francisco de Sales (1567-1622) e *Pensai-o bem, ou, cuidados da alma* do francês Barthélemy Baudrand (1701-1787), cujas edições de 1986, 1864 e 1869-1888, respectivamente, se encontram no Memorial, nos permitem reconstituir as premissas religiosas católicas dos séculos XVI e XVII sobre temas como devoção, virtude e salvação²⁸. Em relação ao estudo das concepções de virtude e de paixão humana (tais como o amor, ódio, tristeza, alegria, inveja, piedade) vigentes no período moderno, destacamos a obra *Exercício de perfeição e virtudes cristãs*, de Rodrigues Alonso (1538-1616), que conta com exemplares das edições de 1886 e de 1954.

²⁷ No Brasil, o campo de estudos das religiões e religiosidades se expandiu com força nos últimos anos, através das atuações destacadas dos Grupos de Trabalho da Associação Nacional de História (ANPUH), que, nas suas diversas regionais, têm promovido eventos (Simpósios, Encontros, Seminários) e, também, através da *Revista Brasileira de História das Religiões* que, desde 2008, tem contribuído para a divulgação da produção acadêmica que contempla abordagens da Teologia, da História, da Sociologia e da Antropologia.

²⁸ Em outra oportunidade, refletimos sobre a devoção e representação da Virgem Maria – a partir dos discursos do manual *Mestre da vida* – como modelo eficaz a ser seguido pelos fiéis para a obtenção da salvação da alma no momento da morte, dado o seu caráter maternal e funções de intercessão, mediação e auxílio salvacionista. E.C.D. Fleck; M. Dillmann, “«A Vossa graça nos nossos sentimentos»...”, op. cit.

As representações da morte e do morrer também fazem parte dos temas passíveis de serem analisados, pois muitas das obras que se encontram no Memorial se destinavam à orientação do fiel católico sobre como deveriam proceder para ter uma *boa morte*²⁹. Dentre os manuais que se dedicavam a estas instruções, destacamos o do francês Jean Crasset (1618-1692), *Retiro espiritual (...) para aqueles que desejam segurar uma boa morte*, que conta com uma edição de 1851, e o do padre português João Franco, *Mestre da vida que ensina a viver e morrer santamente*, que conta com uma edição de 1882.

Como os próprios títulos sugerem, estas obras visavam, prioritariamente, ao regramento das condutas morais e religiosas dos fieis católicos, de modo a assegurar-lhes a salvação da alma. Os pecados e seu contraponto, as virtudes, eram, por isso, temas recorrentes em muitas das obras que constam no levantamento realizado, dentre as quais destacamos a do padre Manuel Bernardes, *Luz e calor: obra espiritual para os que tratam do exercício de virtudes e caminho da perfeição* e a do já citado João Franco, *Mestre da vida*. Esta última obra já mereceu nossa análise no sentido de demonstrar as representações dos pecados capitais e as recomendações para combatê-los, a partir de “remédios” que propunham garantir o reconhecimento da culpa, o arrependimento e a salvação³⁰.

Encontramos, ainda, algumas obras que se detinham nos gozos celestes do paraíso, nos sofrimentos transitórios do purgatório e nas penalidades sofríveis do inferno, recorrendo, inclusive, a imagens para melhor descrevê-los. No acervo do Memorial, encontramos uma edição de 1869 de *Gritos das almas no Purgatório* [1689], do padre aragonês Joseph Boneta (1638-1741); uma edição de 1945 de *Diferença entre o temporal e o eterno* [1643], do padre espanhol Juan Nieremberg (1595-1658); e uma edição de

²⁹ Dentre as análises relativas às concepções de boa morte e às orientações a serem observadas pelo fiel católico na iminência do passamento presentes em manuais de devoção do Setecentos, destacamos, entre outras, as realizadas por C. Rodrigues, *Nas fronteiras do Além*, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro 2005; e E.C.D. Fleck; M. Dillmann, *Se viveres como louco, sabes que há de morrer sem juízo: as orientações para o bem morrer na literatura cristã portuguesa do século XVIII* (texto inédito).

³⁰ E.C.D. Fleck; M. Dillmann, “Os sete pecados capitais e os processos de culpabilização em manuais de devoção do século XVIII”, *Topoi*, vol. 14, no. 27, 2013.

1750 de *Affectos e considerações devotas* [1731] de Francisco de Salazar, sobre quem desconhece-se o ano de nascimento e de morte.

Referências ao demônio e sua presença tormentosa, principalmente aos moribundos, eram também constantes, tanto textualmente, quanto sob a forma de imagens. Portanto, investigações que privilegiem as manifestações do imaginário cristão, as representações dos pecados e dos demônios podem também ser realizadas a partir da consulta e análise das obras que integram o acervo do Memorial. Dentre as obras que possibilitam estudos desta natureza, destacamos o *Mestre da vida*, escrita pelo dominicano João Franco, que descreve os demônios como seres empenhados em promover tentações, especialmente, em situações de maior vulnerabilidade³¹. Para o padre português, os demônios aproximam-se iam dos fieis nos momentos de fadiga, de doença, de fraqueza da fé ou na iminência da morte. Para afugentá-los, o manual de João Franco recomendava orações, que deveriam ser feitas “com muita fé para que os demônios se retirem e não o tentem”³².

Os manuais também podem ser fontes preciosas para os pesquisadores interessados na reconstituição de trajetórias de vida de leigos com aura de santidade ou, ainda, na produção de biografias de homens e de mulheres, ao estilo das hagiografias medievais, aos quais eram atribuídos virtudes e dons divinos, como o das visões e o de cura de enfermidades. Por se tratarem de biografias de mulheres, alguns desses livros permitem também estudos de gênero, uma vez que reconstituem o cotidiano e a religiosidade de mulheres que viviam na reclusão do recolhimento ou do convento³³. Dentre

³¹ A partir de outro manual de devoção, já realizamos um estudo sobre as representações do Inferno e dos demônios no século XVIII. E.C.D. Fleck; M. Dillmann, “*O demônio não é tão feio como se pinta*”: representações do inferno e dos demônios na obra “*Desengano dos Pecadores*” do padre Alexandre Perier (1724), (texto inédito), 2015.

³² J. Franco. *Mestre da vida...*, op. cit., p. 307.

³³ No Brasil, há produções historiográficas nesse sentido. L.M. Algranti, *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*, Hucitec, SP 2004; L. Bellini, “«Penas, e glórias, pezar, e prazer»: espiritualidade e vida monástica feminina em Portugal no Antiga Regime”, em: L. Bellini; E.S. Souza (orgs.), *Formas de crer: ensaios de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV-XXI*, UFBA, Salvador 2006; W.S. Martins, “Representações femininas na obra do padre Manuel Bernardes (1644-1710)”, *Lócus Revista de História*, Juiz de Fora 2011. Também já nos detivemos na análise da biografia produzida sobre uma mulher religiosa portuguesa, tida como exemplo de virtude e santidade no século XVIII português. E.C.D. Fleck; M. Dillmann,

os que se enquadram nesta categoria, destacamos *Vita di Santa Maria Francesca delle cinque Piaghe di Gesu Cristo*, de Bernardo Laviosa, com edição de 1866, e *Vida de S. Francisco de Sales. Bispo e Príncipe de Genebra, Instituidor da Ordem da Visitação de Santa Maria*, de Jacques Marsollier, que conta com uma edição de 1792.

As evidências da vitalidade editorial, as menções feitas a eles em documentos pessoais, administrativos ou eclesiásticos do período colonial e a efetiva presença destas obras em bibliotecas e arquivos brasileiros apontam para a circulação destes livros religiosos entre Portugal e a América portuguesa, ao longo do século XVIII e XIX. O levantamento que realizamos no Memorial Jesuíta Unisinos, exposto no quadro que acompanha este artigo, comprova não somente a aquisição de suas versões originais pela Ordem, mas também a continuidade da circulação iniciada no século XVI. Ainda que não evidencie o uso efetivo e, conseqüentemente, a recepção que tais livros tiveram, a lista de obras aponta para a incontestável circulação de manuais devocionais entre Portugal e Brasil ao longo do Setecentos e do Oitocentos.

Pode-se, portanto, também refletir sobre as razões da manutenção dessas orientações morais e religiosas ao longo dos séculos, evidenciada nas inúmeras reedições que certos manuais devocionais tiveram. Mais do que vincular, necessariamente, as motivações a um dado contexto histórico e a determinados sujeitos sociais, ressaltamos a promissora abordagem, inspirada nos trabalhos de Roger Chartier, das práticas de escrita e de leitura, que tem, inclusive, orientado alguns de nossos trabalhos mais recentes.

PRÁTICAS DE ESCRITA E LEITURA: UMA ABORDAGEM PROMISSORA DOS MANUAIS DEVOCIONAIS

O historiador Roger Chartier observou que os objetos impressos podem ser analisados na sua materialidade, no âmbito da circulação em larga escala e das possíveis e numerosas utilizações feitas do texto escrito ou

“Morta de amor por Deus”: a vida exemplar de Dona Thomázia, uma mulher letrada e devota que morreu em Lisboa, no ano do terremoto (1755) (texto inédito).

editado pelas tipografias³⁴. Estudos sobre a história da leitura, da impressão e da circulação de livros e ideias também consideram as mediações existentes entre livros e leitores, ou seja, sobre as práticas de leitura e as formas de apropriação das ideias contidas nos livros³⁵.

Há, sem dúvida, uma dificuldade em capturar as interpretações que foram feitas destes manuais tanto em Portugal, quanto América portuguesa, e avaliar sua recepção e apropriação pelos fieis católicos nas duas margens do Atlântico. Se a republicação destes discursos não pode ser tida como termômetro plenamente confiável para se avaliar a apropriação – devido à prática inventiva e própria do compartilhamento de ideias e leituras³⁶ – não devemos minimizar a sensibilidade e o pensamento religioso que eles representavam, e que, em boa medida, era partilhado por muitos sujeitos. Pensamento que se expressava nos discursos veiculados por estes manuais, cujo maior propósito era o de “influenciar os leitores e levá-los à prática da virtude”³⁷.

Refletindo, justamente, sobre esta dificuldade de mensurar a recepção e, conseqüentemente, a apropriação feita dessas orientações que visavam à virtude, a historiadora Dominique Julia analisou o texto da obra *Buquê da missão*, escrita pelo religioso Jean Leuduger. Esta obra incentivava, até mesmo, os iletrados a possuírem bons livros, pois “mesmo que não saibas ler, não deixes de ter bons livros, a fim de que outros façam sua leitura para vós”³⁸, situação que observou em uma devota que, mesmo analfabeta, carregava um manual sempre consigo. Ao se indagar, enquanto pesquisadora preocupada em compreender a leitura dos livros, sobre se “o modelo espiritual dessa devota iletrada foi frequente?”, Julia alerta para a impossibilidade desta avaliação, já que “aqueles ou aquelas que viveram essa experiência não fizeram confidências a respeito”³⁹.

³⁴ R. Chartier, *As utilizações do objeto impresso (séculos XV-XIX)*, Difel, Lisboa 1998, p. 21.

³⁵ Sobre uma crítica nesse sentido, ver: L. Villalta, op. cit., 1998.

³⁶ R. Chartier, *As utilizações do objeto...*, op. cit., p. 20.

³⁷ M.L.G. Pires, *Para uma leitura intertextual de ‘Exercícios Espirituais’ do Padre Manuel Bernardes*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa 1980, p. 114.

³⁸ D. Julia, op. cit., p. 108.

³⁹ *Ibidem*.

O certo é que, no período moderno, muitos se valiam da audição para instruir-se religiosa e moralmente, pois eram frequentes as leituras feitas em voz alta, como apontam os estudos de Roger Chartier para a França⁴⁰. Também na Alemanha do Setecentos, os camponeses e as camadas inferiores citadinas tinham acesso aos livros de orações e aos “livrinhos populares religiosos”, que se difundiam nas feiras através da leitura em voz alta⁴¹. Na América portuguesa, certamente, a situação não foi diferente e esses manuais de devoção devem ter tido suas orientações apropriadas tanto pelos poucos fieis leitores, quanto por uma maioria de ouvintes.

Tratando do incremento da publicação de romances na Europa da época moderna, entre o século XVI e o XVIII, Roger Chartier⁴² destacou que este gênero deve ter sido “frequentado do mesmo modo que o texto sagrado o é”, demonstrando, assim, que o parâmetro seguia sendo a literatura religiosa. Chartier informa, ainda, que o público leitor de obras de devoção (instruções religiosas, vidas de santos, livros de orações) do século XVIII era “muito mais numeroso” do que aquele que lia romances ou a literatura clássica humanista, sendo formado, em sua essência, por pessoas idosas, viúvos(as), e casados de todas as camadas sociais⁴³.

Era bastante comum que os manuais se dirigissem, especificamente, ao leitor feminino ou ao masculino (maridos, homens da casa)⁴⁴ e alguns deles, ainda, aos idosos e moribundos. A leitura dos manuais impunha-se como uma necessidade para a resolução de problemas espirituais e sociais, na me-

⁴⁰ R. Chartier, “Do códice ao monitor: a trajetória...”, op. cit., p. 98.

⁴¹ R. Wittmann, Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII?, em: G. Cavallo; R. Chartier (org.). *História da leitura no mundo ocidental*, Vol. 2, Ática, São Paulo 1999, p. 141. O público leitor nas sociedades semi-alfabetizadas era composto pelas mulheres de famílias burguesas.

⁴² R. Chartier, *Do palco à página...*, op. cit, pp. 102-103.

⁴³ R. Chartier, “Leituras e leitores «populares» da Renascença ao período clássico”, em: R. Chartier; G. Cavallo, *História da leitura no mundo ocidental*, Ática, São Paulo 1999.

⁴⁴ Os manuais dirigiam-se aos leitores para tratar de temas espirituais que também diziam respeito à vida familiar e social. Para a garantia de um bom casamento, por exemplo, havia instruções para homens e mulheres viverem bem e em paz, tal como pregava o sacramento do matrimônio. Sobre esta temática, já realizamos reflexão no seguinte texto: E.C.D. Fleck; M. Dillmann, “Remédios para amansar a fera”: as regras para o *bem viver* e as orientações para os *mal casados* viverem em paz em um manual de devoção do século XVIII, *Locus* (no prelo), Juiz de Fora 2015.

dida em que orientavam os fieis católicos como proceder para auxiliar as almas do purgatório e como desfrutar de uma vida santificada e assegurar uma morte abençoada. Foi considerando, justamente, o público a que se destinavam estes manuais de devoção e a apropriação de suas orientações em distintos momentos históricos, que nos detivemos na análise de dois dos que se encontram no levantamento apresentado acima. São elas: *Gritos das almas no Purgatório*, do padre Joseph Boneta e *Mestre da vida que ensina a viver e morrer santamente*, do padre João Franco, ambas publicadas, traduzidas (no caso da primeira), editadas e reeditadas em Portugal, com circulação comprovada no Brasil entre os séculos XVIII e XIX.

O manual *Gritos das Almas*, de Joseph Boneta, teve aprovação pelo Santo Ofício em 1702 e a primeira edição traduzida para o português em 1711. Um indicativo de seu sucesso editorial são as várias edições que a obra teve em português, além das traduções para várias línguas, desde sua publicação ao final do século XVII⁴⁵.

A edição disponível no Memorial Jesuíta da Unisinos é da segunda metade do século XIX, e, curiosamente, não se encontra nos catálogos de algumas das principais bibliotecas portuguesas. Esta edição de *Gritos das almas no Purgatório* foi publicada pela Typographia do Jornal do Porto, na cidade do Porto, em 1869, portanto, 180 anos após a primeira. Trata-se de uma tradução para o português, realizada pelo padre Manoel de Coimbra, clérigo sacerdote do hábito de São Pedro, e oferecida pelo provedor e todos os irmãos da Irmandade das Almas (instituída na capela de São Pedro) ao Príncipe Dom João, de Portugal. No frontispício da obra, encontramos a informação de que esta “nova edição [estava] conforme a de 1711”, o que sugere que não tenham sido feitas alterações. Portanto, temos uma evidência interessante da manutenção do discurso religioso veiculado por este manual, pelo menos, do início do século XVII à segunda metade do século XIX.

O mais interessante é que a obra teve sua primeira edição ainda no século XVII. Em uma referência à recepção que a primeira edição da obra teve ao ser lançada em 1689, o próprio autor informaria no Prólogo da

⁴⁵ M.G.G. Oliveira, “Horrores breves, horrores eternos. Uma reflexão sobre a obra *Gritos do Inferno para despertar ao mundo* do Padre Joseph Boneta”, *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e literaturas*, 1997, p. 112.

segunda, publicada em 1711, que “como na primeira impressão não romanciei estas palavras, houve a quem não souo bem este vocábulo Gritos, para ser articulado pela boca das almas”, o que não impediu, contudo, que na aprovação do Santo Ofício de 1702, *Grito das Almas* tivesse sido classificada como “obra muito douta”, “digníssima da luz e aceitação universal”, por Francisco de Santa Maria.

Gritos das Almas do Purgatório é fruto, pode-se dizer, da prolongada crença no Purgatório, especialmente, nas almas do Purgatório, que ganhou amplitude após a realização do Concílio de Trento, período em que mereceu “grande apreço” o “sentimento devoto de expressão forte”, capaz de influenciar e comover os fiéis⁴⁶. O autor instruía o fiel a rezar pelas almas que buscavam a expiação de seus pecados no Purgatório, esse intermediário entre o Paraíso e o Inferno, lugar de purificação da variedade de culpas, de reclusão de almas pobres, sofredoras, necessitadas de sufrágios.

A obra se divide em “dois livros”, o Primeiro, intitulado *Gritos das almas*, com doze capítulos, e o Segundo, intitulado *Meios para aplacar estes gritos*, com nove capítulos. No primeiro, padre Boneta apresenta a gravidade das penas no Purgatório e os sofrimentos das almas por parte de maridos, mulheres, pais, filhos, parentes e herdeiros, incentivando a devoção às almas. E no segundo, enumera e discursa sobre os socorros às almas, entre eles, a audição de missas, as esmolas e as orações. Estabeleceu, ainda, inúmeras prescrições de reordenamento de atitudes e sentimentos necessários para a garantia da salvação e do bom encaminhamento da alma no além. Consta-se que para produzir mudanças na conduta de seu potencial leitor, Boneta recorre a uma técnica de ficção, não original, mas convincente, em que põe o mundo do Além a comunicar com o mundo terreno. Os condenados, da única maneira que lhes é possível, aos *gritos* – forma que tanto indica a veemência do castigo como a urgência do aviso – alertam os pecadores dos peri-

⁴⁶ M.G.G. Oliveira, *Uma “irmandade” volante do século XVIII: o folheto “Lágrimas das almas”*, Instituto da Cultura Portuguesa, 1991, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2657.pdf> (consultado em: 22.11,2011). M. Vovelle, *As almas do purgatório, ou, O trabalho de luto*, Ed.Unesp, São Paulo 2010. J. Le Goff, *O Nascimento do Purgatório*, Estampa, Lisboa 1993.

gos que os aguardam se não arrepiarem caminho e descrevem os suplícios a que estão sujeitos⁴⁷.

No Prólogo, o padre Boneta esclarece que *Grito das Almas* era o quinto livro “que me fizeram dar à estampa” e que atendia ao “benefício das benditas almas”. Ao leitor, ele fazia a recomendação de que entendessem os “gritos” como se os mesmos partissem das próprias almas, assim, “quando lerdes os Gritos (...) os leias não como escritos por mim se não como articulados por elas”. Acrescentava, ainda, que a leitura deveria ser acompanhada da imaginação do leitor, que deveria acreditar estar vendo e ouvindo um “defunto” familiar como pai, parente ou amigo.

Já o manual *Mestre da vida que ensina a viver e morrer santamente*, do padre dominicano português João Franco, teve sua primeira edição publicada em Lisboa, pela oficina Augustiniana, em 1731, e logo alcançou grande sucesso. Inúmeras e sucessivas edições foram publicadas ainda no século XVIII, quando, então, o título alcançou a marca de 16 mil exemplares comercializados até o ano de 1747⁴⁸.

A edição do Memorial Jesuíta Unisinos é de 1882, portanto, trata-se de uma reimpressão feita mais de 150 anos após a primeira edição. O exemplar não traz o número da edição, informação que, possivelmente, a oficina gráfica que o imprimiu não possuía, e comete um equívoco em relação à autoria da obra, atribuindo-o a João de Castro, quando, na verdade, tratava-se de João Franco⁴⁹. Publicado em Lisboa, pela Editores Rolland & Semiond, esta nova edição do final do século XIX trazia o seguinte subtítulo: “Novamente correto por um religioso da ordem dos pregadores e oferecido à Virgem Santíssima do Rosário por mãos da sua prodigiosa imagem que se venera na vila do Barreiro.”

Inocêncio Silva, em seu *Dicionario Bibliographico*, de meados do século XIX, diz que o manual *Mestre da vida* havia recebido “contrafeições (...) em grande número, sem faculdade do autor”⁵⁰. Essa informação é indica-

⁴⁷ M.G.G. Oliveira, “Horrores breves, horrores eternos...”, op. cit., p. 104.

⁴⁸ O.M.C. Loureiro, “Uma leitura de sucesso...”, op. cit., p. 33.

⁴⁹ Sobre tal equívoco, ver: E.C.D. Fleck; M. Dillmann. “Os sete pecados capitais...”, op. cit.

⁵⁰ I. Silva, *Dicionario bibliographico portuguez*, Estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil, Imprensa Nacional, Tomo III, Lisboa 1859, p. 378.

tiva do sucesso que este manual atingiu, sendo inclusive motivo de contrafeição, imitação, falsificação ou plágio. Logo, “a importância dessa informação não está na veracidade do número de exemplares vendidos, mas no indicativo de que o manual foi amplamente aceito e consumido pela sociedade letrada”⁵¹.

No *Mestre da vida*, a miséria, a fragilidade e a malícia humana demandam a realização de exercícios devotos, indispensáveis, segundo Franco, para uma vida virtuosa e a perfeição. Procurando melhor atingir seu potencial leitor, o dominicano afirma ter recorrido a “discursos novos” e “mais breves”, com a finalidade de “ficarem facilmente” na memória. A confiança no êxito da adoção desta estratégia narrativa, contudo, não o impediu de, no texto do Prólogo, apontar para certas dificuldades diante das “muitas e diversas devoções que havia”, pois não “cabiam em um livro manual” e nem “se podia saber as que os católicos desejariam”⁵². É muito provável que esta tenha sido a razão para a divisão da obra em três novenas: a primeira para o Rosário, a segunda para as festividades da Santíssima Virgem e a terceira para os outros santos.

João Franco destina um bom número de páginas à reflexão sobre o estado dos moribundos, sendo este o capítulo mais extenso da obra. O maior investimento pode ser creditado à importância dada pelo dominicano ao “viver santamente”, que “se ordena a morrer do mesmo modo”, do qual, segundo ele, dependeria a felicidade ou infelicidade eternas. Já, os socorros que deveriam instruir os enfermos eram destinados a todos, pois “é bom usarmos em saúde, para, no fim da vida, nos serem mais familiares, mais fáceis e proveitosas”.

No Índice, intitulado “do que se contém neste livro”, há 85 subtítulos, distribuídos nas 417 páginas da edição de 1882. O manual, como se constata no Índice, aborda variados assuntos, tratando, entre outros, de orações para diversas finalidades, instruções sobre a necessidade de exame de consciência, de confissão e de comunhão, recomendações sobre “modos de fazer” mortificações, “remédios” para curar pecados e para pensamentos de

⁵¹ E.C.D. Fleck; M. Dillmann. “Os sete pecados capitais...”, op. cit., p. 289.

⁵² J. Franco, op. cit., p. vii.

desesperação, devoções à Virgem Maria, sumário de indulgências do Rosário, exorcismos, absolvições e benções.

No Prólogo, João Franco dialoga com o leitor, rogando ao “Onipotente” para “ajudar-nos”, de forma “que tiremos deste Compêndio aquele espiritual aproveitamento que é preciso para uma vida e morte santa”. Na apresentação dos salmos penitenciais e nas súplicas e pedidos de perdão a Deus pelos pecados cometidos, o fiel deveria reconhecer a sua fraqueza diante do poder supremo do Criador: “A força de gemer não tenho mais do que a pele pegada aos ossos”; “Tornei-me semelhante ao pelicano, que vive na solidão e como a coruja que se retira às casas”⁵³.

Manuais como estes – *Gritos das almas* e *Mestre da vida* – interessavam e atingiam diversos leitores na Europa e na América. Eles representavam um pensamento religioso católico consolidado no período moderno, que se pautava em discursos morais com a finalidade de moldar as práticas religiosas dos fieis, de conduzir a determinados comportamentos e práticas tidas como virtuosas, de garantir a boa morte, a brevidade das penas no pós-morte, o apoio espiritual dos santos intercessores e, por fim, assegurar a salvação plena da alma. O êxito editorial, atestado nas reedições e traduções destes manuais ao longo dos séculos, parece comprovar que o seu conteúdo, em especial, o seu teor moralizante e doutrinário, respondia à demanda de um público cristão-católico interessado em garantir a retidão moral em suas vidas e assegurar a salvação de suas almas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XVIII, muitos livros religiosos foram publicados em Portugal; alguns deles eram escritos originais de religiosos daquela época, outros eram traduções ou novas edições de obras manuais de devoção “clássicas” para os religiosos de então. As traduções para o português eram feitas de diferentes idiomas, como espanhol, italiano, alemão ou latim ou,

⁵³ J. Franco, op. cit., p. 363.

então, eram apenas adaptações das versões originais, já que muitas delas sofriam mudanças, supressões ou acréscimos entre uma edição e outra.

Ainda na primeira metade do século XVIII, o discurso moral-religioso mantinha-se muito presente na sociedade portuguesa, razão pela qual tanto a publicação e o comércio de livros, quanto a leitura encontravam-se muito pautadas pelas ideias cristãs de salvação das almas fundamentadas em filósofos antigos e doutores da Igreja. Livros religiosos compunham o acervo das bibliotecas dos sujeitos letrados portugueses – leigos ou religiosos –, quer se encontrassem em Portugal, quer na América.

Os discursos impressionistas e amedrontadores se faziam presentes nestes manuais, cuja leitura deveria ser assídua e constante. Guardá-los, carregá-los ou tê-los à mão ou na cabeceira do leito eram comportamentos esperados de um leitor católico, que deveria memorizar os conselhos, exortações e instruções e realizar os exercícios propostos pelos autores, especialmente, de práticas devocionais como a oração. Somente dessa forma, compreendendo a dimensão devota daquela sociedade, somadas, é claro, ao significativo crescimento das atividades editoriais e à ampliação das possibilidades de leitura, podemos entender a relevante proliferação da literatura cristã entre a Europa e o Brasil nos séculos XVIII e XIX.

Em termos de escrita, os textos religiosos, vale lembrar, possuíam inegáveis pontos de interseção e aproximação, constituindo “um universo aberto a realidades extratextuais (...) e que nele se projetam” e, portanto, “aberto[s] a outros textos que retoma[m], contradiz[em] ou transforma[m]”⁵⁴. Considerando que muitos autores de manuais exerceram suas funções religiosas numa mesma época, é bastante provável que lessem uns aos outros ou que recorressem às mesmas publicações das obras dos doutores da Igreja, das quais extraíam passagens e instruções que, assim, se perpetuavam continuamente. Uma das características desses manuais foi a de reproduzirem – quase literalmente – os escritos de doutores da Igreja e de santos padres, o que, no entanto, não se configurava em plágio, na medida em que tal procedimento era tido como resultante do “espírito científico de investiga-

⁵⁴ M.L.G. Pires, *op. cit.*, p. 11.

ção”. O mais importante era a “finalidade prática” desses manuais tidos como “obras de utilidade”, especialmente, religiosa e moral⁵⁵.

Assim como muitos outros que circularam entre Portugal e a América portuguesa, as obras apresentavam pequeno formato, sendo, portanto, facilmente manuseáveis, o que favorecia a leitura e o transporte. Por estarem divididos em vários capítulos, tornavam-se textos bastante didáticos, favorecendo a compreensão das instruções por parte dos fieis leitores. É inegável que o formato e a estrutura das obras muito contribuíam para a difusão das orientações propostas pelos religiosos, assim como o carisma de seus autores e o interesse do público leitor.

Como já apontado por alguns historiadores brasileiros⁵⁶, os livros religiosos, como os que se encontram no arquivo Memorial Jesuíta, mais do que um inegável objeto de consumo⁵⁷, favoreceram a circulação de ideias e propiciaram a divulgação de mensagens cristãs com fundo doutrinal e moral. Escritos para serem consultados e (re)lidos seguidamente, esses livros eram alvo de “releituras incessantes”, que deveriam “acompanha[r] os tormentos e o cotidiano” para que suas instruções “vive[ssem] na memória” dos fieis e, assim, se torna[ssem] um guia para a existência⁵⁸.

Embora a historiografia dedicada à análise das práticas de escrita e de leitura, da circulação de livros e da apropriação de ideias não seja recente, a relação entre a circulação da literatura religiosa na América e os significados dos seus discursos para uma determinada expressão da moral católica e de religiosidade, tanto no contexto metropolitano, quanto no colo-

⁵⁵ L.M. Souza, *Inferno Atlântico. Demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*, Companhia das Letras, São Paulo 1993, p. 74.

⁵⁶ Dentre os historiadores, destacamos Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, Tânia Bessone, Maria Beatriz Nizza da Silva, Leila Algranti e Luiz Carlos Villalta. Vale conferir a revisão historiográfica realizada por L. Villalta, *A história do livro e da leitura no Brasil Colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance*, disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/> (consultado em: 10.12.2013).

⁵⁷ Nesse sentido, para Portugal, ver: M.M.T. Ribeiro, “Livros e leituras no século XIX”, *Revista de História das Ideias*, vol. 20, 1999, pp. 187-227.

⁵⁸ Estas maneiras de ler marcadas pelo sagrado foram qualificadas por Chartier como “leituras intensivas”, uma vez que eram textos escutados, lidos, relidos, memorizados, recitados e transmitidos para outras gerações. R. Chartier, *Do palco à página...*, op. cit., p. 108.

nial, mereceu, até agora, pouca atenção por parte da historiografia brasileira⁵⁹. Evidencia-se, portanto, a relevância de pesquisas que abordem os discursos morais-doutrinários contidos nestes manuais de devoção e que se dediquem à reflexão sobre as razões de sua manutenção ao longo de mais de quatro séculos. Como procuramos demonstrar neste artigo, os simpatizantes do “sabor do arquivo” – na feliz expressão de Arlette Farge⁶⁰ – encontrarão no Memorial Jesuíta um número expressivo de exemplares dessa literatura católica da Europa moderna à espera de novas indagações e originais abordagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Algranti, Leila Mezan (2004), *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*, Hucitec, São Paulo.
- Arendt, Isabel Cristina (2012), “A atuação do historiador junto a acervos universitários: caso do Memorial Jesuíta Unisinos”, *Anais eletrônicos XI Encontro Estadual de História: história, memória, patrimônio*, FURG, Rio Grande/RS/Brasil, pp. 471-480.
- Araújo, Ana Cristina (1997), *A morte em Lisboa: atitudes e representações, 1700-1830*, Editorial Notícias, Lisboa.

⁵⁹ É preciso, no entanto, destacar o livro *O Diabo e a Terra de Santa Cruz e Inferno Atlântico*, de Laura de Melo e Souza, que, publicado no início dos anos 1990, já anunciava essa circulação de obras religiosas e ideias entre a metrópole e a colônia, ainda que sob a perspectiva, fundamentalmente, mas não exclusiva, da demonologia. Posteriormente, na perspectiva de análise da circulação destas obras na América, temos o trabalho de L.M. Algranti, *Livros de devoção, atos de censura...*, op.cit. O trabalho de Maria Aparecida de Menezes Borrego verificou a circulação de algumas destas obras religiosas em São Paulo do século XVIII, a partir de levantamentos em inventários *pos-mortem* de alguns comerciantes. M.A.M. Borrego, “Entre as fazendas da loja e os trastes da casa: os livros de agentes mercantis em São Paulo setecentista”, em: L.M. Algranti; A.P. Megiani, *O Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séc. XVI-XIX)*, Alameda, São Paulo 2009, p. 235. Enquanto Marília de Azambuja Ribeiro e Luísa Santos identificaram em inventário da livraria da Fazenda jesuíta Santa Cruz no Rio de Janeiro, datado de 1759, a presença de vários livros religiosos. M. A. Ribeiro; L. Santos, op. cit.

⁶⁰ A. Farge, *O sabor do Arquivo*, Edusp, São Paulo 2009, p. 19.

- Bellini, Lígia (2006), “«Penas, e glorias, pezar, e prazer»: espiritualidade e vida monástica feminina em Portugal no Antiga Regime”, em: L. Bellini, S. Souza, Evergton (orgs.), *Formas de crer: ensaios de história religiosa do mundo luso-africano-brasileiro, séculos XIV-XXI*, Ed. UFBA, Salvador, pp. 81-105.
- Borrego, Maria Aparecida de Menezes (2009), “Entre as fazendas da loja e os trastes da casa: os livros de agentes mercantis em São Paulo setecentista”, em: L.M. Algranti, A.P. Megiani, *O Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séc. XVI-XIX)*, Alameda, São Paulo.
- Chartier, Roger (2002), *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna, séculos XVI-XVIII*, Casa da Palavra, Rio de Janeiro.
- Chartier, Roger (1999), “Leituras e leitores «populares» da Renascença ao período clássico”, em: R. Chartier, G. Cavallo, *História da leitura no mundo ocidental*, Ática, São Paulo, pp. 117-134.
- Chartier, Roger (org.), (1998), *As utilizações do objeto impresso (séculos XV-XIX)*, Difel, Lisboa.
- Chartier, Roger (1994), “Do códice ao monitor: a trajetória do escrito”, *Estudos Avançados*, 8 (21), pp. 185-199.
- Farge, Arlete (2009), *O sabor do Arquivo*, Edusp, São Paulo.
- Fleck, Eliane Cristina Deckmann (2004), “Almas em busca de salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII)”, *Revista Brasileira de História*, vol. 24, no. 48, pp. 255-300.
- Fleck, Eliane Cristina Deckmann, Rodrigues, Luiz Fernando Medeiros, Martins, Maria Cristina Bohn (2014), *Enlaçar mundos. Três jesuítas e suas trajetórias no Novo Mundo*, Oikos, Unisinos, São Leopoldo.
- Fleck, Eliane Cristina Deckmann, Dillmann, Mauro (2013), “Os sete pecados capitais e os processos de culpabilização em manuais de devoção do século XVIII”, *Topoi*, vol. 14, no. 27, pp. 285-317.
- Fleck, Eliane Cristina Deckmann; Dillmann, Mauro (2012), “«A Vossa graça nos nossos sentimentos»: a devoção à Virgem como garantia da salvação das almas em um manual de devoção do século XVIII”, *Revista Brasileira de História*, vol. 32, no. 63, pp. 83-118.
- Gilmont, Jean-François (1999), “Reformas protestantes e leitura”, em: G. Cavallo, R. Chartier (orgs.), *História da leitura no mundo Ocidental*, Ática, São Paulo.
- Julia, Dominique (1999), “Leituras e Contra-Reforma”, em: R. Chartier, G. Cavallo, *História da leitura no mundo ocidental*, Ática, São Paulo, pp. 79-116.

- Le Goff, Jacques (1993), *O Nascimento do Purgatório*, Estampa, Lisboa.
- Loureiro, Olímpia Maria da Cunha (1994), “Uma leitura de sucesso no século XVIII: Mestre da vida que ensina a viver e morrer santamente”, *Revista Polígrafia*, no. 3, pp. 33-40.
- Martins, William de Souza (2011), “Representações femininas na obra do padre Manuel Bernardes (1644-1710)”, *Lócus Revista de História*, pp. 35-55.
- Marques, João Francisco (2010), “O livro religioso, em particular do âmbito da parenética e hagiologia, nos impressos”, *Revista da Faculdade de Letras, História*, vol. 11, pp. 293-303.
- Morujão, Isabel (2002), “Livros e leituras na clausura feminina de setecentos”, *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, no. 19, pp. 111-170.
- Morujão, Isabel (1998), “Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: o *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel”, *Via Spiritus*, no. 5, pp. 177-208.
- Neves, Lúcia Maria Basto das (2002), “João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do Oitocentos”, em: *X Encontro Regional de História – Anpuh-RJ, História e Biografias*, Anais Eletrônicos do X Encontro regional de História, História e Biografias, UERJ, Rio de Janeiro.
- Oliveira, Maria Gabriela (2004), “Almas do Purgatório: meditação, devoção, *convertio cordis*. A propósito de alguns sermões de Pe. Inácio Martins S.J.”, em: *Atas do Colóquio Internacional A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII*, Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 611-626.
- Oliveira, Maria Gabriela (1997), “Horrores breves, horrores eternos. Uma reflexão sobre a obra *Gritos do Inferno para despertar ao mundo do Padre Joseph Boneta*”, *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e literaturas*, anexo VIII, pp. 103-111.
- Oliveira, Maria Gabriel (1991), “Uma «irmandade» volante do século XVIII: o folheto «Lágrimas das almas»”, Instituto da Cultura Portuguesa, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2657.pdf> (consultado em: 22.11.2011).
- Pires, Maria Lucília Gonçalves (1980), *Para uma leitura intertextual de ‘Exercícios Espirituais’ do Padre Manuel Bernardes*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- Rambo, Arthur B. (2002), *Restauração católica no sul do Brasil*, “*História: Questões & Debates*”, Ed. UFPR, Curitiba, pp. 279-304.

- Ribeiro, Maria Manuela Tavares (1999), “Livros e leituras no século XIX”, *Revista de História das Ideias*, vol. 20, pp. 187-227.
- Ribeiro, Marília de Azambuja; Santos, Luísa (2013), “A Livraria da Fazenda Santa Cruz”, em: M. Amantino, C. Engemann (orgs.), *Santa Cruz: de legado dos jesuítas à perola da Coroa*, Eduerj, Rio de Janeiro.
- Rodrigues, Cláudia (2005), *Nas fronteiras do Além. A secularização da morte no Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX*, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.
- Rodrigues, Luiz Fernando Medeiros (2014), “O retorno da Companhia, a partir das missões populares dos jesuítas espanhóis, no extremo sul do Brasil (1842-1867)”, *Revista História e Cultura*, vol. 3, no. 2, pp. 316-337.
- Rodrigues, Cláudia; Dillmann, Mauro (2013), “«Desejando pôr a minha alma no caminho da salvação»: modelos católicos de testamentos no século XVIII”, *História Unisinos*, 17 (1), pp. 1-11.
- Silva, Innocência (1859), *Dicionário bibliográfico português*, Estudos de Innocência Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil, Imprensa Nacional, tomo III, Lisboa.
- Souza, Laura de Mello (1993), *Inferno Atlântico. Demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*, Companhia das Letras, São Paulo.
- Villalta, Luiz (1998), *Bibliotecas privadas e práticas de leitura no Brasil Colonial*, disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/bibliotecas-br.pdf> (consultado em: 12.10.2011).
- Villalta, Luiz, *A história do livro e da leitura no Brasil Colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance*, Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/> (consultado em: 10.12.2013).
- Vovelle, Michel (2010), *As almas do purgatório, ou, O trabalho de luto*, Ed.Unesp, São Paulo.
- Wittmann, Reinhard (1999), “Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII?”, em: Cavallo, Guglielmo, Chartier, Roger (org.), *História da leitura no mundo ocidental*, vol. 2, Ática, São Paulo, pp. 135-164.